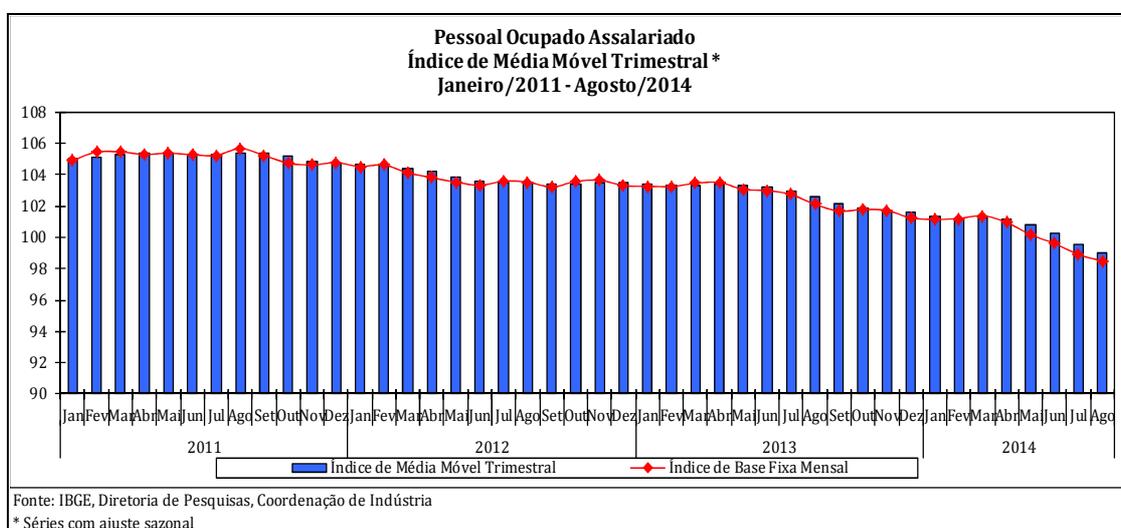


COMENTÁRIOS

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em agosto de 2014, o total do pessoal ocupado assalariado na indústria mostrou queda de 0,4% frente ao patamar do mês imediatamente anterior, na série livre de influências sazonais, quinta taxa negativa consecutiva, acumulando nesse período perda de 2,9%. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral apontou redução de 0,6% no trimestre encerrado em agosto de 2014 frente ao patamar assinalado no mês anterior e manteve a trajetória descendente iniciada em abril do ano passado.



Na comparação com igual mês do ano anterior, o emprego industrial mostrou queda de 3,6% em agosto de 2014, trigésimo quinto resultado negativo consecutivo nesse tipo de confronto. Com isso, o índice acumulado nos oito meses do ano (-2,7%) também apontou recuo e com ritmo mais intenso do que o observado no fechamento do primeiro semestre do ano (-2,4%), ambas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao recuar 2,4% em agosto de 2014, manteve a trajetória descendente iniciada em setembro do ano passado (-1,0%).

No confronto com igual mês do ano anterior, o emprego industrial recuou 3,6% em agosto de 2014, com o contingente de trabalhadores apontando redução em treze dos quatorze locais pesquisados. O principal impacto negativo sobre a média global foi observado em São Paulo (-4,8%),

pressionado em grande parte pela redução no total do pessoal ocupado em quinze das dezoito atividades, com destaque para as indústrias de meios de transporte (-7,3%), de máquinas e equipamentos (-6,4%), de produtos de metal (-9,9%), de alimentos e bebidas (-2,4%), de produtos têxteis (-8,6%), de outros produtos da indústria de transformação (-10,5%), de calçados e couro (-13,8%), de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-4,3%) e de borracha e plástico (-3,6%). Vale citar também os resultados negativos assinalados por Paraná (-5,2%), Rio Grande do Sul (-4,7%), Minas Gerais (-3,3%) e Região Norte e Centro-Oeste (-2,2%), com o primeiro influenciado, principalmente, pelas quedas verificadas nos setores de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-30,6%), outros produtos da indústria de transformação (-12,8%), vestuário (-11,7%) e meios de transporte (-8,1%); o segundo pressionado especialmente pelos ramos de máquinas e equipamentos (-10,1%), calçados e couro (-7,3%), meios de transporte (-8,9%), metalurgia básica (-27,5%), produtos de metal (-7,0%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-10,4%); o terceiro devido à retração registrada nos setores de meios de transporte (-8,9%), calçados e couro (-19,7%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-9,1%), outros produtos da indústria de transformação (-7,1%), metalurgia básica (-3,8%) e produtos químicos (-5,7%); e o último pressionado, em grande medida, pelas quedas verificadas em produtos de metal (-13,3%), alimentos e bebidas (-2,0%), refino de petróleo e produção de álcool (-8,6%), madeira (-4,7%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-3,1%) e papel e gráfica (-5,0%). Por outro lado, Pernambuco, com avanço de 0,6%, exerceu a única pressão positiva, impulsionado, em grande parte, pelos setores de vestuário (18,9%), de alimentos e bebidas (2,3%), de produtos químicos (8,9%) e de produtos têxteis (14,3%).

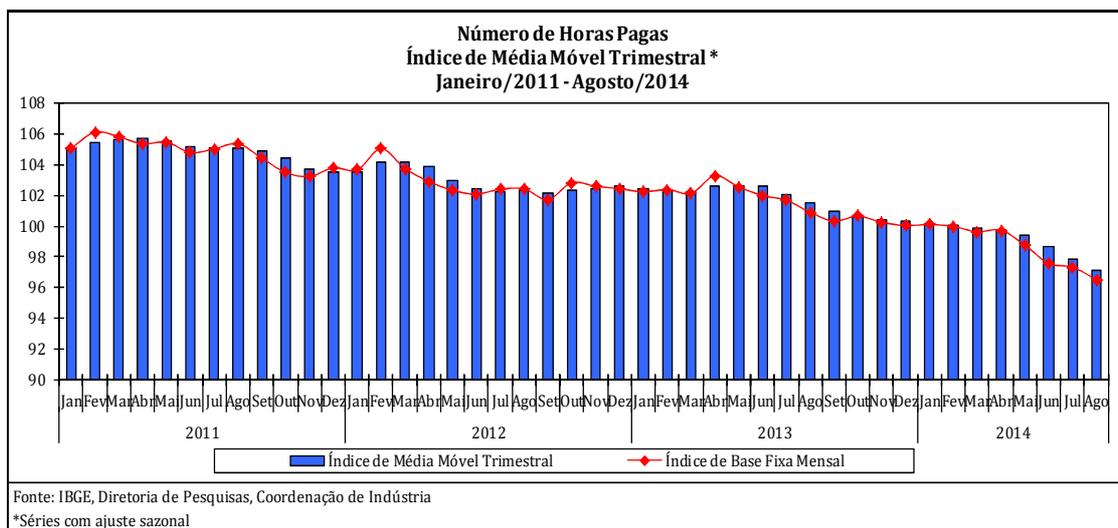
Setorialmente, ainda no índice mensal de agosto de 2014, o total do pessoal ocupado assalariado recuou em quatorze dos dezoito ramos pesquisados, com destaque para as pressões negativas vindas de meios de transporte (-7,5%), produtos de metal (-7,9%), calçados e couro (-9,0%),

máquinas e equipamentos (-5,5%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-7,6%), vestuário (-4,9%), outros produtos da indústria de transformação (-5,5%) e metalurgia básica (-5,5%). Por outro lado, os principais impactos positivos sobre a média da indústria foram observados nos setores de minerais não-metálicos (1,1%) e de produtos químicos (1,0%).

No índice acumulado nos oito meses de 2014, o emprego industrial mostrou queda de 2,7%, com taxas negativas em treze dos quatorze locais e em quinze dos dezoito setores investigados. Entre os locais, São Paulo (-3,9%) apontou o principal impacto negativo no total da indústria, vindo a seguir Rio Grande do Sul (-4,1%), Paraná (-4,1%), Minas Gerais (-2,0%), Região Nordeste (-1,3%) e Rio de Janeiro (-2,2%). Por outro lado, Pernambuco, com avanço de 1,0%, exerceu a única pressão positiva. Setorialmente, ainda no índice acumulado no ano, as contribuições negativas mais relevantes sobre a média nacional vieram de produtos de metal (-6,8%), máquinas e equipamentos (-5,1%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-6,8%), calçados e couro (-7,9%), meios de transporte (-4,2%), produtos têxteis (-4,9%), vestuário (-2,9%), refino de petróleo e produção de álcool (-8,2%) e outros produtos da indústria de transformação (-3,5%). Em sentido contrário, os impactos positivos foram registrados por produtos químicos (1,7%), alimentos e bebidas (0,3%) e minerais não-metálicos (0,9%).

NÚMERO DE HORAS PAGAS

Em agosto de 2014, o número de horas pagas aos trabalhadores da indústria, já descontadas as influências sazonais, recuou 0,8% frente ao mês imediatamente anterior, quarta taxa negativa consecutiva, acumulando nesse período perda de 3,2%. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral apontou recuo de 0,8% no trimestre encerrado em agosto de 2014 frente ao patamar do mês anterior e manteve a trajetória descendente iniciada em maio de 2013.



O número de horas pagas aos trabalhadores da indústria recuou 4,5% em agosto de 2014, décima quinta taxa negativa consecutiva neste tipo de confronto e a mais intensa desde outubro de 2009 (-5,3%). No índice acumulado dos oito meses de 2014 houve retração de 3,3%, intensificando o ritmo de queda frente ao fechamento do primeiro semestre do ano (-3,0%), ambas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao passar de -2,6% em julho para -2,9% em agosto de 2014, manteve a trajetória descendente iniciada em setembro de 2013 (-1,0%).

Em agosto de 2014, o número de horas pagas recuou 4,5% no confronto com igual mês do ano anterior, com perfil disseminado de queda, já que todos os quatorze locais e quinze dos dezoito ramos pesquisados apontaram taxas negativas. Em termos setoriais, as principais influências negativas vieram de meios de transporte (-8,0%), produtos de metal (-9,5%), máquinas e equipamentos (-7,3%), calçados e couro (-10,8%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-7,7%), alimentos e bebidas (-1,9%) e vestuário (-5,2%). Em sentido contrário, os setores de produtos químicos (0,7%), de minerais não-metálicos (0,9%) e de fumo (5,4%) assinalaram os impactos positivos nesse mês.

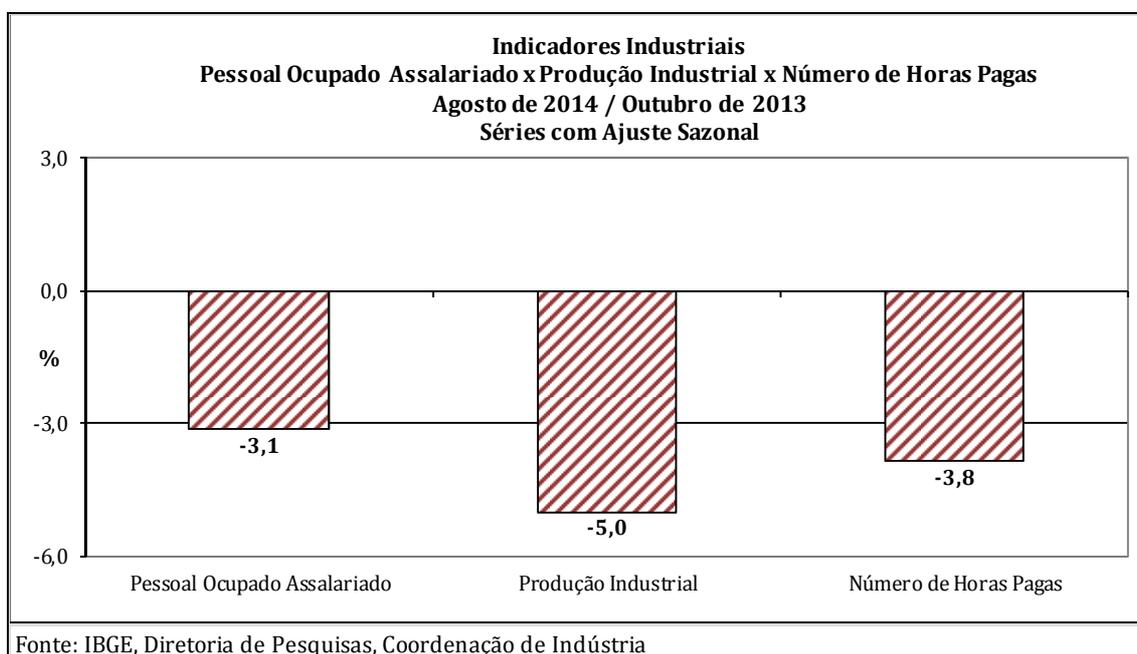
Entre os locais, ainda na comparação com igual mês do ano anterior, São Paulo (-5,4%) apontou a principal influência negativa sobre o total do país em agosto de 2014, pressionado em grande parte pela redução no número

de horas pagas nos setores de meios de transporte (-7,8%), máquinas e equipamentos (-8,5%), produtos de metal (-12,5%), alimentos e bebidas (-4,1%), produtos têxteis (-11,4%) e outros produtos da indústria de transformação (-9,3%). Vale mencionar também os impactos negativos assinalados por Rio Grande do Sul (-6,0%), explicada em grande medida pelas quedas nos ramos de máquinas e equipamentos (-11,7%), calçados e couro (-7,8%), meios de transporte (-11,2%), metalurgia básica (-28,8%), produtos de metal (-8,5%) e alimentos e bebidas (-2,8%); Minas Gerais (-4,4%), por conta, principalmente, das pressões negativas vindas de calçados e couro (-38,0%), meios de transporte (-9,3%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-8,7%), produtos químicos (-10,5%), indústrias extrativas (-6,0%) e metalurgia básica (-4,3%); Paraná (-5,7%), devido, sobretudo, aos recuos verificados em máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-33,8%), outros produtos da indústria de transformação (-15,3%), vestuário (-13,8%), meios de transporte (-7,8%) e máquinas e equipamentos (-8,0%); e Região Nordeste (-2,8%), em função, principalmente, dos recuos observados em calçados e couro (-6,7%), alimentos e bebidas (-1,8%), indústrias extrativas (-8,7%) e produtos de metal (-9,1%).

No índice acumulado nos oito meses de 2014 houve recuo de 3,3% no número de horas pagas, com dezesseis dos dezoito setores pesquisados apontando taxas negativas. Os impactos negativos mais relevantes na média global da indústria foram verificados nos ramos de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-9,2%), produtos de metal (-7,9%), máquinas e equipamentos (-6,3%), meios de transporte (-5,5%), calçados e couro (-8,4%) e produtos têxteis (-6,0%). Em sentido oposto, os setores de minerais não-metálicos (1,4%) e de produtos químicos (1,0%) exerceram as contribuições positivas sobre o total do número de horas pagas aos trabalhadores da indústria. Em nível regional, todos os quatorze locais investigados apontaram taxas negativas, com destaque para o recuo de 4,6% registrado por São Paulo, vindo a seguir as perdas verificadas no Rio

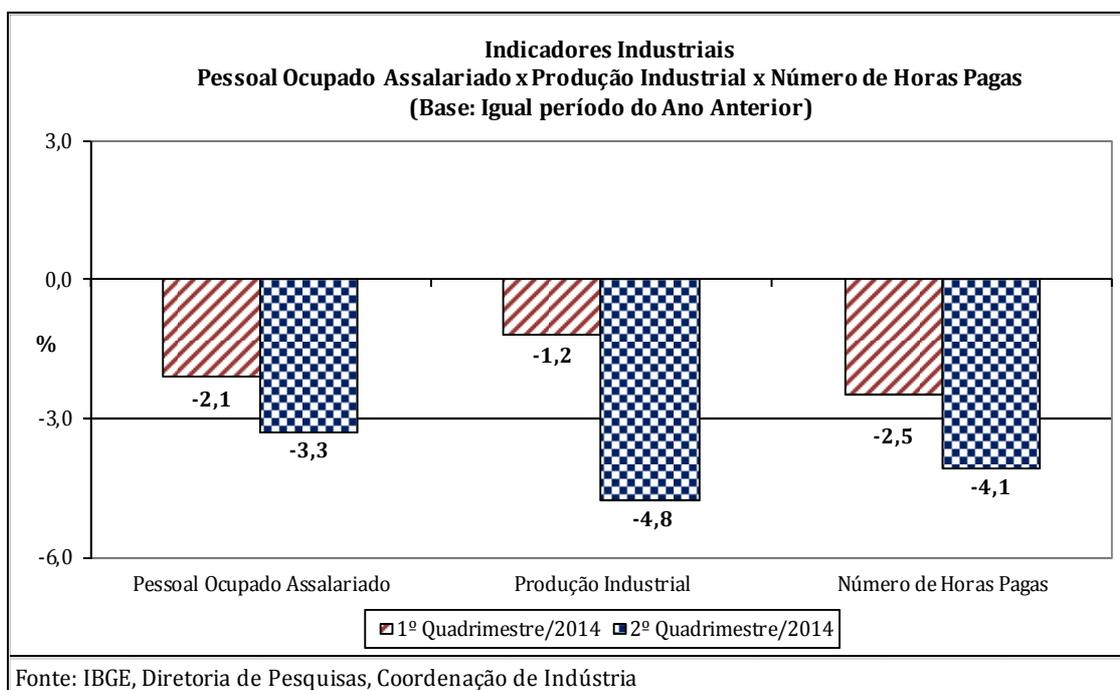
Grande do Sul (-5,4%), Paraná (-5,1%), Minas Gerais (-2,8%) e Região Nordeste (-2,4%).

Em síntese, o total do pessoal ocupado assalariado e o número de horas pagas na indústria permaneceram com o comportamento de menor intensidade, com o primeiro acumulando perda de 2,9% em cinco meses seguidos de taxas negativas, e o segundo assinalando recuo de 3,2% entre maio e agosto. Vale destacar que esses resultados refletem, especialmente, a diminuição de ritmo que marca a produção industrial desde o último trimestre de 2013, com redução de 5,0% desde outubro de 2013. Nesse mesmo período, o total do pessoal ocupado e do número de horas pagas também mostraram perdas: de -3,1% e de -3,8%, respectivamente. A evolução do índice de média móvel trimestral reforça esse quadro de menor intensidade do mercado de trabalho do setor industrial, já que esse indicador prosseguiu, nas duas variáveis, com o desempenho predominantemente negativo desde o primeiro semestre do ano passado.



Na comparação com igual mês do ano anterior, o pessoal ocupado assalariado e o número de horas pagas na indústria prosseguiram em agosto de 2014 assinalando taxas negativas, com o primeiro apontando o 35º mês seguido de queda, e o segundo registrando o resultado negativo mais intenso desde outubro de 2009 (-5,3%). Essa perda de dinamismo também fica

evidenciada, na análise quadrimestral, em que tanto o emprego industrial, que passou de -2,1% nos quatro primeiros meses do ano para -3,3% no segundo quadrimestre de 2014, como o número de horas pagas (de -2,5% para -4,1%) intensificaram o ritmo de queda entre os dois períodos, acompanhando o movimento de redução também verificado na produção industrial (de -1,2% para -4,8%), todas as comparações contra iguais períodos do ano anterior.

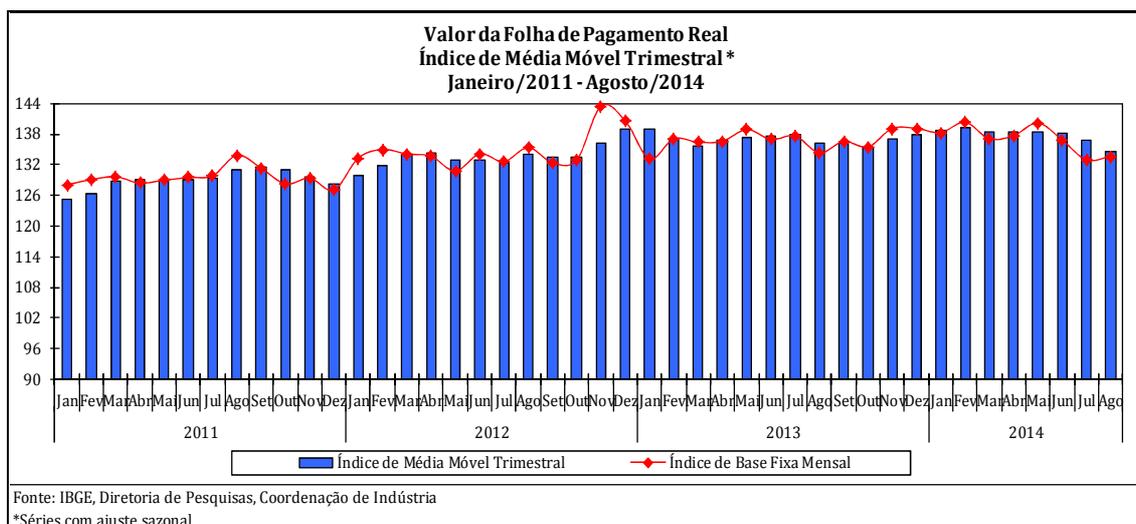


O índice acumulado nos oito meses de 2014 permaneceu com comportamento negativo no total do pessoal ocupado assalariado e no número de horas pagas, com ambos mostrando predomínio de taxas negativas entre os setores e locais investigados.

FOLHA DE PAGAMENTO REAL

Em agosto de 2014, o valor da folha de pagamento real dos trabalhadores da indústria ajustado sazonalmente avançou 0,5% frente ao mês imediatamente anterior, recuperando parte da perda de 5,1% acumulada nos dois últimos meses. Vale destacar que nesse mês tanto a indústria de transformação (1,0%), como o setor extrativo (0,7%) apontaram taxas positivas. Ainda na série com ajuste sazonal, o índice de média móvel trimestral para o total da indústria mostrou queda de 1,6% no trimestre

encerrado em agosto de 2014 frente ao patamar do mês anterior e manteve a trajetória descendente iniciada em fevereiro último.



Na comparação com igual mês do ano anterior, o valor da folha de pagamento real assinalou recuo de 1,6% em agosto de 2014, terceira taxa negativa consecutiva neste tipo de confronto. No índice acumulado dos oito meses do ano houve variação positiva de 0,4%, ritmo de crescimento abaixo do verificado no fechamento do primeiro semestre do ano (1,3%), ambas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao mostrar variação nula (0,0%) em agosto de 2014, permaneceu com a trajetória descendente iniciada em janeiro último (1,6%).

Na comparação com igual mês do ano anterior, o valor da folha de pagamento real mostrou queda de 1,6% em agosto de 2014, com resultados negativos em oito dos quatorze locais investigados. A principal influência negativa no total nacional foi assinalada por São Paulo (-2,7%), pressionado, em grande parte, pela queda no valor da folha de pagamento real nos setores de meios de transporte (-5,9%), produtos de metal (-10,1%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-6,0%) e alimentos e bebidas (-3,2%). Vale citar também as contribuições negativas vindas do Paraná (-2,3%), Rio Grande do Sul (-1,9%), Minas Gerais (-1,3%) e Região Nordeste (-0,8%), influenciadas, principalmente, pelas reduções observadas nos setores de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de

comunicações (-33,7%), meios de transporte (-4,7%), máquinas e equipamentos (-4,4%), outros produtos da indústria de transformação (-5,9%) e alimentos e bebidas (-1,4%), no primeiro local; de máquinas e equipamentos (-8,5%), metalurgia básica (-24,3%), meios de transporte (-4,5%) e alimentos e bebidas (-2,4%), no segundo; de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-15,1%), calçados e couro (-30,4%), meios de transporte (-3,4%), indústrias extrativas (-4,5%) e máquinas e equipamentos (-6,2%), no terceiro; e de indústrias extrativas (-9,3%) e alimentos e bebidas (-4,0%), no último. Em sentido contrário, o principal impacto positivo sobre a média global foi verificado na Bahia (1,3%), impulsionado, em grande parte, pelos avanços registrados nos setores de produtos químicos (5,7%), de meios de transporte (8,5%), de minerais não-metálicos (14,8%) e de borracha e plástico (6,8%).

Setorialmente, ainda no índice mensal de agosto de 2014, o valor da folha de pagamento real no total do país recuou em dez dos dezoito ramos investigados, com destaque para meios de transporte (-4,8%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-9,4%), produtos de metal (-6,3%), alimentos e bebidas (-1,2%) e indústrias extrativas (-3,3%). Por outro lado, os principais impactos positivos foram verificados nos setores de produtos químicos (3,4%) e de minerais não-metálicos (3,7%).

No índice acumulado nos oito meses de 2014, o valor da folha de pagamento real assinalou acréscimo de 0,4%, com taxas positivas em sete dos quatorze locais pesquisados. A principal contribuição positiva sobre o total da indústria foi registrada pela Região Norte e Centro-Oeste (3,8%), seguida por Santa Catarina (2,0%). Vale destacar também, embora em menor escala, os avanços vindos do Paraná (1,0%) e de Minas Gerais (0,5%). Em sentido contrário, os impactos negativos mais relevantes foram observados no Rio Grande do Sul (-1,2%), Rio de Janeiro (-0,5%) e São Paulo (-0,1%).

Setorialmente, ainda no índice acumulado no ano, o valor da folha de pagamento real avançou em nove das dezoito atividades pesquisadas, impulsionado, principalmente, pelos ganhos vindos de alimentos e bebidas

(3,9%), de minerais não-metálicos (4,8%) e de borracha e plástico (3,5%). Por outro lado, os setores de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-5,0%), de produtos de metal (-4,0%) e de máquinas e equipamentos (-1,7%) apresentaram as principais contribuições negativas no índice acumulado dos oito meses do ano.